

“LISPECTADOR”: A PULSÃO DE MORTE COMO PULSÃO CRIATIVA EM *UM SOPRO DE VIDA*

José Genival Bezerra Ferreira

Doutor em Linguística

Universidade de Évora

(genival.ferreira@hotmail.com)

Resumo

“Mas já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas”, sentenciou Clarice Lispector, quando a indagavam acerca de tessitura de suas narrativas. Nesse seguimento, este artigo se arvorou a penetrar no universo movediço do romance *Um Sopro de Vida*, doravante USV, para analisar a pulsão de morte como pulsão criativa, a partir do conceito elaborado por Freud (1996), entre outros que o sucederam. No que compete aos aspectos metodológicos, optou-se pela investigação exploratório-descritiva e bibliográfica, bem como os estudos acerca do estilo clariceano e as relações epistemológicas entre Literatura, Psicanálise e Filosofia. Resultou-se que os registros imagéticos da morte evocam múltiplas pulsões criativas das quais se serve a autora para redefinir uma estética de produção e uma estética da recepção.

Palavras-Chave: *Um Sopro de Vida*; Psicanálise; Pulsão de morte; Criação.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

José Genival Bezerra Ferreira

Tem pós-doutorado em Metodologia do Ensino e Educação Comparada pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Linguística pela Universidade de Évora, Portugal (com título reconhecido pela Universidade Federal de Goiás). Mestre em Ciências da Educação pela Universidade I, de Lisboa. Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alagoas e Licenciado em Letras (Português/inglês) pela Faculdade Raimundo Marinho e Letras (Português/Espanhol) pela Universidade Cruzeiro do Sul. Atualmente é investigador do Centro de Estudos em Letras da Universidade de Évora onde desenvolve pesquisa sobre línguas minoritárias ameaçadas de extinção (mirandês, barraquenho e minderic) em contato com o português europeu. Foi professor da Universidad de Santiago de Chile, da University of the West Indies (Trinidad e Tobago) e da Universidade Estadual de Alagoas. Foi *visiting scholar* na University of New Mexico (Estados Unidos) e na Universidad Nacional de Colombia (Bogotá). Tem experiência no ensino do português para estrangeiros e como principais focos de pesquisa e interesse os seguintes temas: Linguística Cognitiva, Linguística Aplicada ao Ensino, Estudos do Discurso, Políticas Linguísticas e línguas minoritárias em contato com o português.



lattes.cnpq.br/2780146129806925

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

“LISPECTADOR”: A PULSÃO DE MORTE COMO PULSÃO CRIATIVA EM *UM SOPRO DE VIDA*

José Genival Bezerra Ferreira

Doutor em Linguística

Universidade de Évora

(genival.ferreira@hotmail.com)

Introdução: “esse escrever consome o escrever”¹

Desde a invenção da escrita, o ser humano volta e meia se encontra numa inquietante reflexão, que diz respeito à sua origem e, dentro das diversas tentativas de explicar esse questionamento, a comunicação escrita se ocupa de transpor para o papel, tentando dar contato de tantos pensares, qual o sentido da vida humana – “existirmos, a que será que se destina?” nos pergunta Caetano Veloso².

Nesse sentido, a partir da tomada de consciência, bem como da invenção da escrita, a espécie humana pôde lançar-se por diversos horizontes de criação. No fragmento que abre este artigo, Clarice Lispector compreende o papel do escritor como sendo uma instância unicamente particular, sem compromissos ou engajamentos com quaisquer posturas estilísticas. A liberdade é a matéria de sua criação, uma vez que chamar de ofício confrontaria a opinião da autora.

Em consonância à maneira como Lispector definia seu processo criativo, Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa), na parte I de *O Guardador de Rebanhos*, diz: “Não ambições nem desejos/Ser poeta não é uma ambição minha/É a minha maneira de estar sozinho” (PESSOA, 2012, p. 211). Ou seja, ambos têm a dimensão do ato de escrever, primeiramente, como uma comunicação intrapessoal, de fora para dentro. Com isso, seguindo a linha de raciocínio de Clarice e Caeiro, as pressões do mundo exterior passariam à margem do infinito particular no qual se percebiam.

¹ LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida (pulsões)**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 53.

² Trecho da canção *Cajuína*, escrita e interpretada por Caetano Veloso. A canção foi composta em 1979 em homenagem ao poeta Torquato Neto, que cometeu suicídio. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44704/> Acesso em: 09 de ago. de 2023.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Ratificam-se os argumentos mencionados anteriormente numa outra frase bem conhecida dita por Clarice, que consta na biografia feita por Waldman (1983, p.23): “Não têm pessoas que cosem para fora? Eu coso para dentro”. O verbo coser, como sabemos, escrito com “s”, denota a ideia de costura. De modo metafórico, a escritora procura não deixar à mostra o novelo de linha que facilitaria a vida dos seus prováveis leitores, pois ela não fez nenhuma concessão durante toda a sua vida literária e pessoal.

A complexidade narrativa de Clarice não reside no uso de palavras eruditas, “prefiro palavras pobres que restam³”, ao contrário, busca as construções frasais mais palatáveis possíveis. Porém, os narradores criados por ela misturavam a realidade aparente, concreta, verossímil, com os pensamentos mais ligados ao plano simbólico. Essa linha tênue entre mundos foi o caminho trilhado pela autora, no sentido de tornar sua escrita deslocada da banalidade nossa de cada dia.

Para além da construção linguística, a prosa de Clarice nos conduz ao profundo de nossas mentes, sem deixar a narrativa perder-se de vista, e o leitor que cuide de acompanhar as nuances descritivas do narrador, como se nota na percepção simbólica do guarda-roupa conter algo misterioso, ou não.

Nessa perspectiva, a partir da narrativa USV⁴, procuramos entender como os registros imagéticos da morte evocam múltiplas pulsões criativas das quais se serve a autora para redefinir uma estética de produção e de recepção. Conforme Moser (2009), a obra foi terminada por Olga, uma vez que Clarice a deixou incompleta, cabendo à amiga compilar as inúmeras anotações. Ainda segundo o biógrafo, jamais saberemos se o resultado era o que Clarice esperava, no entanto, o evidente inacabamento do texto não retira a magnitude da obra.

No que diz respeito aos procedimentos utilizados para produção deste artigo, optou-se pelo método de investigação exploratório-descritiva e bibliográfica, embasada nos pressupostos teóricos que se entrelaçam entre Filosofia, Estética e Psicanálise. O artigo está dividido nas seguintes seções: além da introdução; a primeira apresenta alguns apontamentos sobre a pulsão de morte; a segunda seção discute a escrita de Lispector; a terceira apresenta a pulsão de morte como pulsão criativa em *Um Sopro de Vida* e, por último, teceremos nossas reflexões finais e listaremos as referências bibliográficas.

³ USV, p. 27.

⁴ Em algumas edições da obra não aparece a palavra “pulsões” como subtítulo. Neste artigo, optamos pela edição da Rocco, que apresenta o subtítulo.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

A PULSÃO DE MORTE: “VIVO ME MATANDO TODAS AS NOITES⁵”

O tema da morte é bastante complexo, a iniciar pelos vários conceitos que dele decorrem ao longo dos séculos. Muitas são as tentativas de tentar explicá-la, não apenas no sentido “comum”, biológico, mas principalmente quanto aos mistérios que a circundam e sua função no texto literário. Para exemplificar, desde Platão a Schopenhauer, a morte é considerada a musa da Filosofia, sendo, inclusive, um dos principais objetos de estudo desta. Aliás, Sócrates considerava a Filosofia como uma forma de preparação para a morte. Portanto, o filósofo deveria se afastar dos prazeres e da infelicidade, a fim de que, em seu percurso de vida, soubesse enfrentar a morte corajosamente, com sabedoria e justiça. Igualmente, compreendia que o homem só poderia se sentir realizado se conseguisse romper as amarras da vida para alcançar o mundo das ideias.

Inicialmente, o conceito de pulsão de vida e de morte vem de Freud (1996), em *Além do princípio do prazer*. Pulsão significa a representação psíquica de estímulos que se originam no organismo e alcançam a mente. No transcorrer do tempo, as premissas foram se resignificando e ganhando novas abordagens e, com isso, surgiu o embate entre a pulsão de vida (o Eros) e a pulsão de morte (o Thanatos). Por um lado, a pulsão de vida que trata de preservar a existência de um organismo vivo. Por outro, a pulsão de morte mostra caminhos para que um ser vivo caminhe em direção ao seu fim sem interferência externa. Dessa forma, retorna à fase inorgânica do seu próprio modo.

Podemos também mencionar a manifestação da morte, em termos estéticos, postulado por Barthes (1984, p.76), o qual aborda a desconexão do escritor em relação à própria escritura, sugerindo metaforicamente “a morte do autor” para que, a partir dela, nasça o leitor. Acreditava, assim, que ser autor era o mesmo que ser autoritário, tirano, causando certo aprisionamento.

Agamben (1991), em *Linguagem e morte*, aborda a negatividade como algo fundamental do ser da linguagem e do ser do homem responsáveis pelos motores dialéticos que possibilitam a abertura do ser no ter-lugar da linguagem, sustentado pela negatividade da Voz, o *Dasein*, de Martin Heidegger. Levantamos, desse posicionamento, inquietações sobre o ter-lugar da linguagem na escrita. Dessa forma, a negatividade da/na linguagem ocupa o lugar de sempre se remeter a si mesmo, resultante de um impulso doloroso. A linguagem mantém o indizível falando, em outras palavras, trazendo-o de sua própria negatividade. O silêncio é a negação da vida, isto é, é a morte. A supressão da Voz é recorrente no niilismo. Sem Voz, o ser

⁵ USV, p. 39.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

e a linguagem entram numa espécie de simulação que se sustenta no nada, no vazio.

Na esteira filosófica, Schopenhauer (2000), em *Metafísica do Amor Metafísica da Morte*, aborda o lugar do discurso em relação à morte. O filósofo demonstra como a morte, entre outros temas, pode ser encarada de dois modos: o da Representação (visão empírica) e o da Vontade (visão subjetiva ou idealista). O autor, assim, defende a tese da não destruição da nossa essência, talvez, por influência do sobrenatural explicado em algumas religiões. Para ele, todo ser vivo tem medo da morte; tem, por extensão, vontade de vida, que pode ser representada por meio das realizações e dos êxitos. A morte representaria o se tornar nada, o dissolver-se. Tornamo-nos eternos, a título de exemplo, por meio dos nossos pensamentos, nossas memórias, nossas ações. Ainda de acordo com Schopenhauer (2000), a lamentação da morte ocorre por causa da perda do organismo e da consciência de cada ser humano. Nesse seguimento, não há consolo, porque a individualidade fenomênica do ser submerge no nada. Seria somente, então, por meio das doutrinas que o indivíduo deveria buscar consolo; para tanto, cita Sócrates e a vida venturosa de Hades, e o Paraíso Cristão, como exemplos de consolação. Para Heidegger (1927), em *Ser e Tempo*, temos de ter consciência de que somos finitos, de que um dia vamos morrer – o ser-para-a-morte. A morte já nos ronda desde o momento em que nascemos, não somos seres para o futuro, somos seres para a morte. Por isso, para o autor, quando o ser humano percebe que é um ser-para-a-morte, necessita apropriar-se do seu poder ser, agarrar-se à existência; e, dessa forma, enfrentar a morte como possibilidade da impossibilidade da sua existência, e não de maneira impessoal como se dissesse “morre-se”, objetivando mascarar a realidade.

O viver de forma autêntica seria, sobretudo, reconhecer-se ser-para-a-morte e, com base nessa contestação, projetar e construir a existência. Dessa maneira, Heidegger acredita que devemos viver a experiência de morrer antes da morte, que deve ser vivida no cotidiano da nossa vida. Os nossos atos devem tencionar, como porvir, tal possibilidade, o próprio *Dasein*.

Em a *Negação da morte*, Becker (1973), em abordagem multidisciplinar, inclinada para a Psicanálise, levanta o questionamento de que o medo e a angústia que a morte inspira é o que move o ser humano. Para o autor, o grande problema do ser humano é a morte, o medo da dissolução final. Para chegar a tal afirmação, ele retoma os conceitos de homem primitivo para o qual a morte representaria uma espécie de elevação, seria o encontro com o sobrenatural, sendo, dessa maneira, mais fácil enfrentar a morte. Para o homem contemporâneo, entretanto, seria mais difícil essa aceitação, um problema, de modo que a morte passa a ter um papel importante em sua estrutura psíquica. Para ele, o pano de fundo para entender o medo da morte é o narcisismo. Por meio do mito de Narciso, que nominou

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

narcisismo simbólico, o homem chega a acreditar que é possível viver eternamente. O narcisismo simbólico aponta para um heroísmo, isto é, o heroísmo seria um sintoma do narcisismo. O herói enfrenta aquilo que mais tememos: a morte.

Seria o homem em seu paradoxo: tem um corpo que se dissolve; no entanto, tem um intelecto alocado em seu corpo que o leva a pensar na possibilidade de viver eternamente. Assim, Becker (1973) chega à conclusão, nomeadamente a condição trágica do ser humano, de que o que ele não consegue fazer por meio do corpo, que é vida, faz por meio da cultura produzida, na tentativa de eternizar-se no mundo.

Em *Vivo até a morte: fragmentos*, Ricœur (2007, p. 27) questiona-se: “Que posso dizer da minha morte?” e acresce: “Como fazer o luto de um querer-existir depois da morte?”. Essa indagação sobre a morte de si e sobre o pós-vida, que seria a ressurreição, é direcionar o olhar sobre o “nós” para o “eu” e o “você” no distante caminho da alteridade que é inerente à individualidade de cada ser, que, por meio da linguagem, compreende a si próprio frente ao imaginário de outros. As reflexões do autor sobre a morte se acercarão de uma filosofia existencialista, já que a intenção é lutar contra a ideia de uma fixação pelo pós-morte, que tira o homem da realidade. A ideia, em vista disso, é provocar questionamentos concernentes à morte que levem o indivíduo a refletir acerca da experiência humana e suas ações.

A ESCRITA DE LISPECTOR: “EU ESCREVO COMO SE FOSSE PARA SALVAR A VIDA DE ALGUÉM⁶”

Temos ciência de que a obra da escritora já foi amplamente estudada ao longo do tempo, não há uma obra sequer que não tenha sido objeto de algum trabalho científico. Podemos constatar essa informação no *website* do Instituto Moreira Salles⁷, que hospeda pesquisas acerca da escritora e de sua obra, no qual contabilizamos 407 dissertações de mestrado e teses doutorado, 322 ensaios e artigos e 162 livros em várias áreas e línguas.

Perante o exposto, lançamos um olhar particular, nomeadamente na prosa romanesca da escritora, para verificar estudos que tratem da peculiaridade da escrita e da linguagem de Lispector, de modo que fizemos um breve recorrido sobre alguns trabalhos que versam sobre a temática.

Segundo Prado Junior (2015, p. 45), na obra de Lispector, a questão do “impronunciável” na escrita e na linguagem é utilizada como uma performance, uma vez que

⁶ USV, p. 7.

⁷ Disponível em: <https://claricelispector.ims.com.br/> Acesso em: 09 de ago. de 2023.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

suas narrativas são cheias de musicalidade e repetições, buscando atingir os sentimentos e as emoções dos leitores, fazendo “vibrar no próprio corpo da frase”. Para o autor, ela extrapola os limites do que é concebido como belo e não belo, como literatura e não literatura, bem como sobre o que é e o que não é escrever. Dessa forma, questiona o significado da literatura, pois não tenta mais se basear no belo, mas na feitura; assim como não tenta mais mostrar o sentimento do prazer de viver, porém do sentimento contrário, que seria a dor de viver. Em outras palavras, a autora opta por usar o feio e o repugnante, que causam angústias na ordem estética; pelo contrário, mostra o lado obscuro da personalidade humana.

Nesse seguimento, Galvão (1998, p.38) ressalta Clarice como “inventora de linguagem”, como algo raro, embora perigosa, pois essa invenção se faz necessária. Assim como Guimarães Rosa, a escritora não conseguia ver um equilíbrio novo entre palavra e tema. O objetivo da sua escrita seria, nesse ponto de vista, que o leitor não visse mais o texto como uma mera cópia do mundo, contudo, antes, como uma construção verbal que o tirasse do conforto da realidade.

Rosenbaum (1999) trata da relação do escuro e do fracasso apresentados na linguagem das obras da autora. A pesquisa, inclusive, coloca Clarice como uma desmascaradora da intimidade humana, assim como Schopenhauer, Nietzsche e Freud, já que ela faz parte dos escritores incômodos que denunciam o fingimento social. Ainda para a autora, existia um comprometimento com a realidade, mesmo que isso resultasse em sacrificar a “perfeição” da sua escrita a fim de demonstrar o lado obscuro por trás de sua narrativa. Com isso, por meio de um “estilo sádico de narrar”, causa um certo estranhamento e tira da zona de conforto quem a lê (ROSENBAUM, p. 43, 1999). Clarice propõe, em consequência disso, a desautomatização da perspectiva de mundo ideal, fazendo o leitor se frustrar ao lidar com a “realidade” de suas obras.

No entanto, Arêas (2005, p.101) destaca que ser diferente tornou-se o lugar comum de Clarice, pois seus textos mais “normais” eram considerados estranhos pelos temas inovadores que propunham. Seus críticos afirmavam ter a impressão de que suas obras continham enredos confusos e inacabados, com inúmeras pontas soltas. Entretanto, na época do “despertar” de Clarice, segundo o Arêas, os livros dela eram lidos somente por pequenos círculos de intelectuais, provando, assim, que eram compreendidos por poucos. Para tal constatação o autor, por meio de uma análise estratégica da forma, explorou as matrizes poéticas dos primeiros textos de Clarice, aqueles escritos com as “pontas dos dedos” e não com o ser, como a autora produziu em suas tramas após publicação de *A hora da estrela* (1977).

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Na tese de doutoramento, *Livrar-se da escrita: Clarice Lispector e a liberdade de ninguém*, de Sebastião (2019, p.32), o autor põe em questão o processo criativo de Lispector numa perspectiva psicanalítica, percorrendo algumas obras da escritora, entre as quais USV, a fim de “delinear a relação entre liberdade e pulsão da escrita”. Aproximou a “letra em sua materialidade” aos conceitos de Blanchot (1959, p.18) em *Le livre à venir*.

Para Maria Homem (2011), o silêncio na obra de Lispector é um elemento comum, principalmente nos textos de *Água Viva*, *A Hora da Estrela* e USV, o que torna as produções “únicas” na literatura, porque misturam a consciência da autora com a dos narradores e a dos personagens. Nesse sentido, não haveria mais um herói individualizado como nos romances clássicos. Além dessa questão, a autora busca entender, principalmente pelo viés literário e psicanalítico, como o elemento do silêncio se estabelece na obra em uma espécie de fuga da narração.

Com viés análogo, Klôh (2009, p.68) discorre sobre a narração de Clarice Lispector, mostrando especificamente como o aspecto autobiográfico se relaciona com a concepção da narrativa, exaltando as máscaras que a autora utilizava para escrever colunas femininas em jornais e revistas, como entrevistadora e cronista. O pesquisador aborda como Clarice se funde ao outro, vivendo várias vidas em uma só, assim como Fernando Pessoa com seus heterônimos. Não obstante, a duplicação de Lispector não faz de suas obras autobiográficas, mas sim irônicas, por meio de seu polo paródico, trazendo a intertextualidade como algo essencial para torná-las diversas e únicas.

Clarice propõe reflexões estéticas ao apresentar incongruência no ato de escrever. A escritora utiliza paradoxos, de modo metafórico, por meio do silêncio, colocando em sua obra, literalmente, páginas em branco, cheias de vazio e ruína das próprias palavras. Através da diluição do tempo e da trama literária, Clarice provoca, por meio do fracasso e do vazio na narrativa, o profundo entendimento da literatura, uma vez que fracassar é ir em busca de algo. Assim, tenta mostrar a obra como uma extensão do fracasso, da experiência humana e da própria vida, já que usa uma máscara ao misturar autor-narrador e personagem na mesma narrativa, como em USV (DUARTE, 1996).

Clarice representa o mundo, e seu significado é definido na relação do sujeito para-outro, podendo ser mais reconhecido como o autor que também se considera um leitor, personagem com uma preposição oblíqua entre o eu e o outro. Lispector e seus personagens multiplicam-se e, ao se dividirem (e vice-versa), rompem com os dualismos do pensamento ocidental, mostrando que os polos supostamente binários podem (con)fundir-se uns nos outros (o eu é o outro do outro), o feminino e o masculino se mesclam, o criador é criado pela

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

criatura e a cria.

Os sujeitos envolvidos no texto são considerados oblíquos uns em relação aos outros, mesmo não sendo confundidos, causam uma visão equivocidade na relação do eu-tu, no qual a comunicação encenada em conjunto com a confusão da lógica consegue abranger os dualismos. Não só os sujeitos do texto são oblíquos, amalgamando-se e trocando de posição na enunciação (NODARI, 2015).

A PULSÃO DE MORTE COMO PULSÃO CRIATIVA EM UM SOPRO DE VIDA: “PARAR DE ESCREVER É PARAR DE VIVER”⁸

A escrita de Clarice Lispector – “a escrita da agonia” – é um vai e vem recorrente, construindo um *topo* cíclico, como o ouroboros, em que se evidencia um embate constante entre princípio vs. fim, uno vs. múltiplo, masculino vs. feminino, que culminam no embate maior: vida vs. morte – paradoxos existenciais comuns na obra de Lispector.

A autora põe em constante indagação o ato da escrita: “Quero escrever esqualido e estrutural como o resultado de esquadros, compassos e agudos ângulos de estreito enigmático triângulo⁹”. Além disso, a escrita em um USV interroga a criação em si e o leitor para quem supostamente escreve. Por meio dessa obra em particular, possibilita-nos entender vários registros imagéticos de morte, que não são meras descrições vivenciais da morte, cruzadas com o enredo, mas, antes, abruptas evocações da morte, com um caráter imagético, que acompanham as possibilidades e as impossibilidades de criação no ato da escrita literária. Em USV, por exemplo, expressões como “O beijo no rosto morto¹⁰”, “mato o que me perturba¹¹”, “Até agora só conheço a morte do sono¹²”, “se eu estou viva é porque vou morrer¹³” e “sou o receptáculo da morte das coisas¹⁴”, contribuem, de forma decisiva, para a geração de uma atmosfera estética paradoxal dadas pelas tensões entre vida e morte. A que se deve tal atmosfera? Qual é o seu propósito? Na nossa interpretação, ela serve ao *dispositivo icnoclástico* – presente, como propõe Braga (2020), nas vanguardas artísticas modernistas – que permeia a obra de Lispector. A autora, tal como a pintura e a música vanguardistas do século XX, não pretende representar nem significar nada – “Eu não digo nada assim como a

⁸ USV, p. 32

⁹ *Ibid.*, p. 78.

¹⁰ USV, p. 7.

¹¹ *Ibid.*, p. 10.

¹² *Ibid.*, p. 39.

¹³ *Ibid.*, p. 59.

¹⁴ *Ibid.*, p. 81.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

música verdadeira¹⁵". O que se impõe é, sim, anular o significado em prol do significante, tecendo um primado da inscrição sobre a expressão – ou, como Lispector afirma: “Quando eu escrevo, misturo uma tinta a outra, e nasce uma nova Cor¹⁶”.

A escrita de USV rompe com a sequencialidade narrativa da prosa romanesca tradicional e, fazendo uso de um entrelaçamento sugestivo de imagens poéticas – que ora se dissolvem, ora se autorregeneram, segundo o movimento “vida-morte” –, encaminha o leitor para um horizonte estético em que os signos da linguagem são mais do que aquilo que expressam. Logo, os registros imagéticos em que a questão da morte ocupa um espaço central apresentam uma dupla função da imagem, atribuída pelas vanguardas modernistas, a saber: a afirmação da imagem é possibilitada pela sua negação, tal como a vida é possibilitada pela morte. Essa dupla função da imagem é definida por Braga (2020, p. 142) da seguinte forma: “A imagem é na medida em que não é imagem”. Tal é a fórmula que anuncia e sintetiza o fenômeno que intitulamos de *dispositivo iconoclástico*. O pictórico só se assume para as novas estéticas da sensibilidade artística se integrar, em si, à negação do pictórico.

A imagem é, simultaneamente, imagem e não-imagem; ou, segundo a definição introduzida pelo artista Morin (1951, p.73): “A imagem artística não é uma imagem. A visão na arte não é visão. O visível na arte é visível. O invisível na arte é invisível”. Ainda com o mesmo sentido, acrescenta o autor:

A negação que mune o dispositivo deixa de ter uma função excludente total, dado que aquilo que é negado passa a ser incluído num plano virtual autónomo (o ‘invisível’), cujo efeito não se esgota na imagem (o ‘visível’), mas configura já uma forma de iconicidade latente desta última. (BRAGA, 2020, p. 144)

A morte espreita-lhe todo o tempo. Em algum momento, o ciclo fechará e é preciso escrever para dizer e/ou não dizer, para responder e/ou não responder. Estabelece-se, assim, a relação entre escritor e leitor (alteridade estético-artística), que, nas palavras de Lispector, visa a salvar o leitor (e ela, como autora) da morte. Essa salvação da morte viria por meio da escrita. Essa escrita revela-se como salvação e propulsão como condição do estar viva que, ao mesmo tempo, é livramento e/ou escape. Ou seja: a morte opera como motor responsável pelo seu ato criativo – pela e na escrita salva-se: “eu escrevo e assim me livro de mim e posso

¹⁵ *Ibid.*, p. 48.

¹⁶ *Ibid.*, p. 48.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

então descansar¹⁷". Nessa esteira, Iser (1974) fornece-nos uma estrutura para uma teoria de efeitos literários e respostas estéticas. O foco de Iser é o tema da descoberta, pelo qual o leitor tem a chance de reconhecer as deficiências de sua própria existência e as soluções sugeridas para contrabalançá-las – o leitor implícito. Ao descobrir as expectativas e os pressupostos subjacentes a todas as suas percepções, o leitor aprende a “ler” a si mesmo, como faz os textos de Lispector.

As ideias de Iser (1974) se articulam com a obra de Clarice, nomeadamente em USV, pois percebemos recorrentemente três eixos que se interligam na trama/enredo: a escrita (o falar e/ou o calar, a criação e a salvação), a alteridade (o eu e um outro) e a temporalidade (o aqui/agora e a eternidade/morte). Pelo exposto, acreditamos que essa prosa romanesca fornece conteúdos sobre a articulação do sentido da morte com a pulsão criativa, nomeadamente na relação estética entre a vitalidade sugestiva da morte e o impulso criador, que a autora estabelece para se endereçar aos leitores. Um tipo de pulsação criativa em que o silêncio se aproxima da palavra, a qual, por sua vez, aproxima-se da morte (que, neste contexto, pode ser vida).

Os registros imagéticos da morte são bastante contumazes em USV; vida e morte coexistem, habitam os mesmos espaços e representam pulsões criativas das quais se utiliza para redefinir ora uma estética de produção, ora uma estética de recepção, como já mencionado. Os principais registros de morte identificados em USV de Lispector ocorrem porque se negam, assim como a vida que só é vida quando se é morte – a imagem é na medida em que não é imagem (BRAGA, 2020). O “fenómeno da negação” é uma parte estruturante da estética modernista, porque visa a colocar, em igual patamar, criador e observador, autor e leitor.

Em USV, entendemos que a escrita (a imagem) só se assume escrita na medida em que é negada a própria escrita. Nesse sentido, a escrita é e, ao mesmo tempo, não é escrita. Por meio de tal negação, sugerida pela morte, passa a ser incluída em um plano que a habilita a continuar viva. O ato de escrever, que, por natureza, abrange escolhas, não está desconectado do receptor, como bem sabemos. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que se mata o autor para que o receptor (leitor) nasça e, dessa maneira, cria-se uma espécie de autonomia, que, nas palavras de Braga, seria “a materialidade liberta-se da sua natureza de suporte artístico, assumindo-se, agora, como princípio atuante da obra de arte” (p. 143). Assim, é por (e na) liberdade que o leitor assume seu papel principal, abandonando as vestes de coadjuvante e assumindo seu protagonismo. A escrita se apresenta como emancipação e morte ao mesmo

¹⁷ USV, p. 15.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

tempo. Ela busca a linha da entrelinha do impossível para tentar dizer. A linguagem fala no silêncio, como uma dialética mágica.

Nessa perspectiva, a linguagem em USV serve como bálsamo para a dor, seja no riso, quando se diz algo espirituoso; seja no acolhimento, ao falar sobre o próprio sofrimento e morte. No entanto, esse ato criativo “[...] de súbito, então vem do subconsciente uma onda de criatividade e a gente se joga nas nervuras acompanhando-as um pouco – mas mantendo a liberdade¹⁸”. Pela “possível linguagem”, Barthes (1984) postula a desconexão do escritor em relação à própria escritura, sugerindo metaforicamente a “morte” do autor para que, a partir dessa ação, nasça o leitor. Conforme já mencionado, acreditava que ser autor era o mesmo que ser autoritário, tirano e podia causar um certo aprisionamento. Logo, Barthes sugeriu o fim do autor, ou seja, “a morte do autor”, como um grito para a libertação, por acreditar que havia uma multiplicidade de vozes no texto. Por isso, em *A Morte do autor* (1984, p. 45), criou o termo *scriptor* para se referir ao leitor que daria significado ao texto, aniquilando, dessa forma, o autor. Como já antevendo essa “morte do autor” e querendo se eximir de certas culpas e libertar-se, escreve Lispector: “Falo como se alguém falasse por mim. O leitor é que fala por mim¹⁹”. Ou seja, a escritora dá lugar ao leitor e se anula, mas, em um jogo comum na obra, ela afirma também: “Quero esquecer que existem leitores — e leitores exigentes que esperam de mim não sei o quê²⁰”. Esse esquecimento do leitor, a que a autora faz menção, revela-se como o escrever para o nada/ninguém, e isso pode provocar uma nulidade, considerando que quem escreve escreve para alguém ler (em tese), e se não houver esse leitor, o texto perderia seu sentido. Se remetermos à psicanálise, o “eu autor”, para existir, vai depender do outro; esse outro, por conseguinte, é o leitor que compõe o seu “eu”, o sujeito. Porém, a Clarice criativa, que escreve, o “it vivo”, habita um corpo que se contorce, direciona ao leitor “o que te escrevo é de fogo como olhos em brasa²¹”. Cabe ao leitor, assim, decifrar o seu “Eu, o autor: o incógnito²²”. Essa questão dá abertura ao que Agamben (1991) aborda sobre os motores dialéticos, da linguagem, que possibilitam a abertura do ser no *ter-lugar* na linguagem, sustentado pela negatividade da *Voz*, o *Dasein*. Lispector possibilita essa abertura: “eu crio minha arte” e agora é com o leitor. A materialidade que se liberta do suporte artístico de que discorre Braga (2020) encontra aqui neste registro o seu lugar. Ou seja: a escrita (a materialidade) é também lugar de morte, seja do autor, seja do leitor. Destarte, o artista (o escritor) por meio de sua arte (a literatura) se incumbe da “responsabilidade” de evadir-se.

¹⁸ USV, p. 34.

¹⁹ *Ibid.*, p. 71.

²⁰ *Ibid.*, p. 75.

²¹ Em *Água Viva*, p. 26.

²² USV, p. 19.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Em USV: “Não vou ser autobiográfica. Quero ser ‘bio’²³”. Note que essa “bio” se apresenta como evasão que pode ser do leitor também, na medida em que, como mencionado no primeiro registro de morte, este assume seu protagonismo, dada a morte do autor, mesmo que esse potencial criativo seja quase a impossibilidade do diálogo, da linguagem, como ocorre com a personagem Macabéa em *A Hora da Estrela*. Esta demonstra os muitos intentos de dizer, de expressar o inexpressável, de tentar dizer e não conseguir e, assim, vai construindo uma fuga, num tipo de fita de Moebius.

No caso de USV, a morte não é só o fim que espreita a vida, mas também o silêncio que se avizinha a cada palavra, como diria Agamben (1991). A morte não é apenas a física, mas a ruptura com sua escritura, considerando que, na psicanálise, o sujeito não é uno, é composto de vários “objetos” que estão interrelacionados para formar a subjetividade, é o *ser com* e o *ser entre*, como diria o filósofo Sloterdijk, constituindo a engrenagem. O desmantelamento ou ruptura dessa estrutura levaria à morte, à perda. A partir desse ponto de vista, podemos falar, nesse caso, em duas mortes: a física (da própria escritora) e a escrita (a ruptura com o ato criativo).

Todavia, note-se, essa salvação por meio da escrita não é apenas do “eu” na obra clariceana, mas a salvação do outro: “Procuro alguém para lhe salvar a vida²⁴”. A escrita aparece como ponto de fuga do enquadre narrativo, vórtice que, ao parecer, arrasta o próprio movimento da escrita. No pulsar de linguagem da prosa romanesca de Clarice, encontramos um ponto de fuga da morte na escrita, repleto de conceitos indizíveis.

Schopenhauer (2000) diz que a morte pode ser encarada de duas formas: a da Representação (visão empírica) e a da Vontade (visão subjetiva ou idealista), conforme síntese já apresentada. O filósofo também defende a tese de que todo ser humano tem medo da morte, tendo, por extensão, vontade de viver, a qual pode ser representada por meio das realizações e êxitos. Em Clarice, o medo da morte e a Vontade são evidentes, a última é a representação da vida, por meio das ações; no caso de Lispector, por meio da escrita. “Eu já sei: quando eu morrer vou límpida como jade²⁵”. Na linha de pensamento de Schopenhauer (2000), é por meio das doutrinas que o ser busca consolo; para Clarice, este meio é a escrita.

É certo que a narrativa clariceana é repleta de uma atmosfera estética paradoxal criada pela tensão entre vida e morte. É, porém, pertinente questionar que, em muitas de suas narrativas, o embate vida vs. morte chega a um suposto fim em que ela se dá por vencida, isto

²³ USV, p. 30.

²⁴ *Ibid.*, p. 11.

²⁵ USV, p. 58.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

é, a morte ganha. A morte é aceita como algo inevitável.

Não há mais luta. Na nossa interpretação, como explica Braga (2020), seria como um *dispositivo icnoclástico* – presente nas vanguardas artísticas modernistas –, que não pretende representar nem significar nada, quer apenas viver sua finitude de forma plena. Não nos deixa mentir este trecho: “Pessoa feliz é quem aceitou a morte” e continua: “Mas parece que chegou o instante de aceitar em cheio a misteriosa vida dos que um dia vão morrer²⁶”. Os excertos de Lispector sugerem: pessoa feliz é “quem aceitou a morte²⁷”, ao mesmo tempo que essa morte é misteriosa e que viver é um constante morrer.

Para Heidegger (1927), precisamos ter a consciência de que somos *o ser-para-a-morte*. Isso é dizer: somos finitos e vamos morrer. Como diria Lispector: “Os que me lerem, assim, levem um soco no estômago para ver se é bom²⁸”.

O que é indestrutível é sua escrita. É eterna. Como diria Heidegger (1927), o ser humano deve viver a experiência do morrer antes do morrer. Entendemos, na prosa de Clarice, que isso se dá por meio da própria escrita: “Pois vou tomar a minha liberdade nas mãos e escreverei pouco-sem-dá-o-quê? ruim mesmo, mas eu²⁹”. A escrita aqui é o “outro” que, para a autora, é “o que quer que seja”, talvez ruim, mesmo assim, escreve-se porque escrever se faz mandatário.

E, dessa forma, enfrenta a morte como possibilidade da impossibilidade da sua existência, e não de maneira impessoal como um “deixe-se morrer”, mascarando a realidade. Clarice não quer a realidade mascarada. “Minha vida fora tão contínua quanto a morte³⁰”. Somente dessa maneira, como prega Heidegger (1927), frente à facticidade e à efemeridade da vida, busca-se o sentido da vida, porque os nossos atos devem tencionar, como porvir, essa possibilidade, o próprio *Dasein*. E assim: “Pessoa feliz é quem aceitou a morte³¹”.

Como já discutido, em USV, Clarice explora a complexidade da escrita e da criação literária, entre outros temas. O personagem principal do livro, o Autor, está enfrentando o seu próprio processo de morte iminente. Enquanto lida com essa situação, ele também está engajado na tarefa de escrever. Esta é uma tentativa de capturar a essência da experiência humana, de revelar a complexidade dos sentimentos e pensamentos e, ao mesmo tempo, de

²⁶ *Ibid.*, p. 103.

²⁷ *Ibid.*, p. 10.

²⁸ Em *A Hora da Estrela*, p. 67.

²⁹ USV, p. 59.

³⁰ Em *A paixão segundo G.H.*, p. 49.

³¹ USV, p. 103.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

confrontar o próprio fim.

Nesse sentido, a relação entre pulsão e o ato de escrever pode ser entendida por meio das lentes da psicanálise por, sobretudo Freud (1996) e outros autores que o sucederam, não só de uma perspectiva psicanalítica, mas filosófica e literária. Nessa perspectiva, o ato de escrever pode ser considerado uma expressão das pulsões de vida, porque a escrita, muitas vezes, surge como uma maneira de canalizar impulsos criativos, comunicar pensamentos e emoções, e buscar formas de se conectar com os outros, a escrita revela-se em forma sublimação³².

Em resumo, a pulsão de morte como pulsão criativa sugere que a escrita de um USV pode ser vista como uma expressão das pulsões de vida, permitindo a canalização criativa de impulsos internos e a exploração de aspectos inconscientes da mente de Clarice. Isso se nota no transcorrer de toda a obra, como demonstra no trecho: “Eu não faço literatura: eu apenas vivo ao correr do tempo. O resultado fatal de eu viver é o ato de escrever. Há tantos anos me perdi de vista que hesito em procurar me encontrar. Estou com medo de começar” (LISPECTOR, 1999, p.9).

Provavelmente essa questão se explica em *O prazer do texto*, de Barthes (1987), em que discute aspectos do processo de escrita e da relação do escritor com a linguagem. Barthes explora a natureza da linguagem como um sistema de significados e a busca do escritor por uma linguagem que possa transmitir sua experiência pessoal e única. O autor reflete sobre como a linguagem pode capturar a complexidade da existência humana e como o escritor pode criar um espaço para a expressão individual dentro das limitações da linguagem.

As abordagens aqui apresentadas estão preocupadas com a exploração profunda da existência humana, do ato de escrever como uma forma de compreender a vida e a morte, e da tentativa de capturar a essência da experiência por meio da linguagem.

Considerações finais: “eu simplesmente não posso mais escrever³³”

O verbo, que estava no início de tudo, nada disse, apenas fez. Talvez esse silêncio de que fala o Autor no final do livro, quando Ângela resolve tornar-se manhã, chegando a hora deles se separarem. A batalha para não morrer acabou por determinar o destino de Ângela,

³² Para Freud (1996), a sublimação é uma forma de lidar com impulsos internos, transformando-os em atividades culturalmente aceitáveis e produtivas, ao invés de simplesmente reprimi-los ou agir de maneira direta sobre eles. Isso ajuda a equilibrar a expressão dos desejos internos com as normas sociais e culturais.

³³ USV, p. 21.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

mas não sob a ótica da perda da matéria, mas da integração do corpo com a terra, a morte como renascimento.

Nesse sentido, ao analisarmos a obra USV, encontramos pelo menos seis registros de morte: a morte do autor e a recriação do autor por meio da criação emancipada do leitor; a fuga da morte por meio da literatura (quer do autor, quer do leitor); a morte enquanto obstinação criativa (a finitude obriga à inscrição literária); a negação da morte; a morte como libertação (a inscrição criativa é a iminente morte) e a morte como aceitação.

Nesse processo, a presença de um ser superior (Deus³⁴), na obra em análise, funciona como um alento ao Autor e à Ângela durante toda a narrativa. Deus é o mistério mais significativo da existência humana, e dentro dele cabe a escrita literária como uma fagulha dessa inexplicável constância. Além disso, a presença do sagrado está atrelada à experiência da escrita, como pulsão do mistério do existir humano, alinhavado entre vida e morte, mas, conforme apontamos, a finitude é um elemento constituinte de matéria de ficção.

USV, não à toa, último romance escrito por Clarice, ainda que não tenha terminado, é o testemunho de que, mesmo tendo falecido antes de vê-lo publicado, assim como sua personagem, reviveu na utopia dos que entendem a vida como uma ferida exposta, doída, mas é dessa maneira, pelo menos para alguns, que se pode viver, morrendo para germinar, sendo a obra escrita a maneira de perpetuar o pó soprado.

Quando Ângela toma as rédeas da história, na última parte do livro, ela diz: “Obra? Não, eu quero a coisa prima. Quero a pedra que não foi esculpida. Eu me curei da morte. Nunca mais morri”³⁵. Esse trecho, compreendido no contexto mais amplo da narrativa, sintetiza a alegria da morte como pulsão criativa.

³⁴ Grafamos “Deus” com inicial maiúscula da mesma forma que Clarice Lispector usa em USV.

³⁵ USV, p. 110.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Le langage et la mort: un séminaire sur le lieu de la négativité**. Trad. Marilène Raiola. Paris: Christian Bourgois, 1991.
- ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector com a ponta dos dedos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BECKER, Ernest. **A negação da morte**. Rio de Janeiro: Record, 1973.
- BENJAMIN, Moser. **Clarice**. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- BARTHES, Roland. **La mort de l'auteur. Le Bruissement de la langue**. Paris: Le Seuil, 1984.
- BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- BLANCHOT, Maurice. **Le livre à venir**. Paris: Gallimard, 1959.
- BRAGA, Joaquim. **Teoria das Formas Imagéticas: Ensaio sobre arte, estética, tecnologia**. Coimbra: Grácio Editor, 2020.
- DUARTE, Edson Costa. **Clarice Lispector: máscara nua**. 1996. 121f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: STRACHEY, James. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 18 v. (Originalmente publicada em 1920).
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Clarice Lispector: uma leitura. **Revista de Crítica Literária Latinoamericana**, v. 24, n. 47, p. 67-75, 1998.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1927.
- HOMEM, Maria. **No limiar do silêncio e da letra: traços da autoria em Clarice Lispector**. 2011. 205 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada São Paulo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. (versão corrigida)
- ISER, Wolfgang. **The implied reader: Patterns of communication in prose fiction from Bunyan to Beckett**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1974.
- KLÔH, Suzana de Sá. **Clarice Lispector e o narrar-se**. 2009. 140 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida (pulsões)**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1943.
- MORIN, Edgan. **L'Homme et la mort**. Paris: Le Seuil, 1951.

Dossiê "Nas teias da linguagem"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

- NODARI, Alexandre André. 'A vida oblíqua': o hetairismo ontológico segundo **G.H. O Eixo e A Roda**, v. 24, n.1, p. 139-154. 2015.
- PESSOA, Fernando. **Antologia Poética**. Organização Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.
- PRADO JÚNIOR, Plínio. O impronunciável: Notas sobre um fracasso sublime. **Remate de Males**, v. 9, p. 21-29, 2015.
- RICŒUR, Paul. **Vivant jusqu'à la mort. Suivi de Fragments**. Paris: Seuil, 2007.
- ROSENBAUM, Yudith. **Metamorfoses do mal. Uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor, metafísica da morte**. Tradução Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- SEBASTIÃO, Alex Keine de Almeida. **Livrar-se da escrita: Clarice Lispector e a liberdade de ninguém**. 2019. 281 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- WALDMAN, Berta. **A paixão Segundo C. L.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

Recebido em: 10/06/2023

Aceito em: 12/06/2023

Publicado em: 30/09/2023

Dossiê "Nas teias da linguagem"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

**“LISPECTADOR”: THE DEATH DRIVE AS
A CREATIVE DRIVE IN *UM SOPRO DE VIDA***

José Genival Bezerra Ferreira

Doutor em Linguística

Universidade de Évora

(genival.ferreira@hotmail.com)

ABSTRACT

“But since you have to write, at least don't crush the lines between the lines with words”, said Clarice Lispector, when asked about the product of her writing. In this follow-up, this article sets out to penetrate the shifting universe of the novel *Um Sopro de Vida*, in order to analyze the death drive as a creative one, based on the concept developed by Freud (1996) and among others who succeeded him. Regarding the methodological aspects, we chose the exploratory-descriptive and bibliographic research, as well as studies on the *clariceanos* style, and the epistemological relationships between Literature, Psychoanalysis and Philosophy. As a result, the imagery records of death evoke multiple creative impulses which the author uses to redefine the aesthetic of production and the aesthetic of reception.

Keywords: *Um Sopro de Vida*; Psychoanalysis; Death drive; Creation.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

“LISPECTADOR”: LA IMPULSIÓN DE MUERTE COMO IMPULSIÓN CREATIVA EN UN *UM SOPRO DE VIDA*

José Genival Bezerra Ferreira
Doutor em Linguística
Universidade de Évora
(genival.ferreira@hotmail.com)

RESUMEN

“Pero como hay que escribir, por lo menos no aplastes con palabras los renglones entre renglones”, sentenció Clarice Lispector, cuando le preguntaron por la trama de sus narraciones. En este sentido, este artículo se propone adentrarse en el universo cambiante de la novela *Um Sopro de Vida*, para analizar la pulsión de muerte como pulsión creadora, a partir del concepto desarrollado por Freud (1996) y entre otros que lo sucedieron. En cuanto a los aspectos metodológicos, se optó por la investigación exploratoria-descriptiva y bibliográfica, así como estudios sobre el estilo clariceano y las relaciones epistemológicas entre Literatura, Psicoanálisis y Filosofía. Como resultado, los registros de imágenes de la muerte evocan múltiples impulsos creativos que la autora usa para redefinir una estética de producción y una estética de recepción.

Palabras-clave: *Um Sopro de Vida*; Psicoanálisis; Pulsión de muerte; Creación.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------